

dmd

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

da mihi animas

2012

Anno LIX Mensile
n. 5/6 Maggio/Ottobre

Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento Postale
D.L. 505/1999
[norm. in L. 3/2002 art. 40]
art. 1, comma 2 - DCB Roma



ESPIRITUALIDADE

DO TRABALHO



dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma

tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi
Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas
Patrizia Bertagnini • Mara Borsi
Piera Cavaglià • Maria Antonia Chinello
Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein
Maria Pia Giudici • Palma Lionetti
Anna Mariani • Adriana Nepi
• Maria Perentaler
Loli Ruiz Perez • Paola Pignatelli
Debbie Ponsaran • Maria Rossi
Bernadette Sangma • Martha Séide

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud
japonês • inspetoria japonesa
inglês • Louise Passero
polonês • Janina Stankiewicz
português • Maria Aparecida Nunes
espanhol • Amparo Contreras Alvarez
alemão • inspetorias austríaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice – Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma – c.c.p. 47272000
Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96
Filial de Roma

n. 3/4 março-abril de 2012

Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide 11 00181 Roma
USPI – Unione Stampa Periodica Italiana

Edição em Português

SUMÁRIO

EDITORIAL	<i>Main a casa da felicidade</i> <i>Giuseppina Teruggi</i>	04
DOSSIÊ	<i>A espiritualidade do trabalho</i>	05
	<i>Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos</i>	
ENCONTROS -	<i>Com coração de Pai e clarividência de Fundador</i>	09
COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO -	<i>Missão jovem FMA Onlus</i>	11
CONSTRUIR A PAZ -	<i>Diálogo e nãoviolência</i>	12
FIO DE ARIADNE -	<i>Ativismo</i>	14
	<i>Em busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos</i>	
CULTURAS -	<i>Acredito na assistência salesiana</i>	18
PASTORALMENTE -	<i>O desafio do "limiar"</i>	19
MULHERES NO CONTEXTO –	<i>Mulher e trabalho.</i> <i>Uma revolução silenciosa</i>	21
MOSAICO -	<i>Por amor ao seu povo</i>	22
	<i>Comunicar: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia</i>	
COMUNICAÇÃO E VERDADE -	<i>Ser autênticos</i>	23
A MIM AS CONFIAS -	<i>Descobri a vocação lendo um livro</i>	25
VÍDEO -	<i>A neve do Kilimanjaro</i>	26
ESTANTE -	<i>Vídeos e livros</i>	28
LIVRO -	<i>Rádio Cidade Perdida</i>	30
140 ANOS DE HISTÓRIA		32

EDITORIAL

A casa da felicidade

Giuseppina Teruggi

Era 9 de maio de 1837 e em Mornese, no Monferrato, nascia Maria Domingas Mazzarello. Aos 35 anos, com um grupo de moças, tornava-se Filha de Maria Auxiliadora. Em 14 de maio de 1881, em Nizza, Deus a chamava para si.

É este o enredo de um desígnio extraordinário, de um projeto corajoso que surgiu como resposta à necessidade de vida e de esperança dos jovens.

Chegamos agora a uma meta anunciada pela Madre e pelo Conselho geral e esperada pelas FMA e comunidades educativas de todo o mundo: a produção de um novo filme sobre a sua figura. Ir. Caterina Cangia ocupou-se do roteiro e acompanhou a produção inteira. Como era previsto, a difusão acontecerá antes do dia 5 de agosto próximo, data que marca o 140º de fundação do Instituto.

O filme que dura cerca de 100 minutos, é uma *fiction in costume*: “narra” Maria Domingas, o seu tempo, sua terra, sua vida, seu carisma. E seu prolongamento na história, até os nossos dias. Dirige-se a todos, porque construído com clareza, imediatismo de leitura, informação, formação e emoção!

À pergunta “o que comporta este projeto hoje, por parte de um Instituto religioso, diante de outras urgências?”, Ir. Caterina evidenciou que foi uma escolha baseada no amor por Maria Domingas e no desejo de fazê-la conhecida e amada. O pedido de um novo filme veio das irmãs e das comunidades educativas. É urgente comunicar e demonstrar, com uma linguagem entendida por todos – a do cinema – que temos um carisma extraordinário a ser prestigiado nos dias de hoje.

A chave de leitura do filme está em *três palavras* que são compromissos de vida: amor, relacionamentos, paixão educativa.

Amor por Jesus, pela família, pelas amigas, pela natureza. Tudo é feito por amor, tudo é vivido no amor.

Os *relacionamentos* são construídos no diálogo, na compreensão, na atenção ao outro, ao pequeno. São vividos na simplicidade, no tecido cotidiano em que se enxertam a formação e a educação. Eles são, sobretudo, o resultado de um forte e caloroso relacionamento com Jesus.

A *paixão educativa*, porque as jovens estão sempre ‘presentes’: tudo se faz para elas, para que aprendam uma profissão, não incorram em perigos, divirtam-se, sejam alegres. Para que cresçam sob o olhar de Maria, mãe que se preocupa com elas mais do que com qualquer outra coisa.

A santidade – nos diz o filme – é possível, é cotidiana, é fonte de felicidade, podemos vivê-la e fazê-la resplandecer em torno de nós caminhando no sulco de um carisma.

A espiritualidade do trabalho

Julia Arciniegas e Anna Rita Cristaino

A consideração sobre o valor do trabalho começa a partir do homem. O trabalho exprime a dignidade do homem e a aumenta. É da relação com a pessoa que brota a dignidade do trabalho e a consideração do seu valor superior aos bens materiais.

O trabalho é destinado ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento da pessoa humana e, ao mesmo tempo, é participação à obra criadora de Deus.

No ato da criação, Deus faz o homem à sua imagem e, terminada a sua obra, confia-a ao homem para que a aperfeiçoe. Para o cristão, o trabalho sempre foi a expressão da dignidade e da operosidade do homem, mais que um sacrifício de expiação.

È portanto expressão real e dinâmica do homem no mundo.

Trabalhando, a pessoa humana adquire os bens que são necessários à sua manutenção, expressa e leva à maturação a própria identidade natural e profissional, transformando o mundo.

Mas ao longo da história, a concepção do trabalho e de sua organização também mudou. Hoje a situação do mundo do trabalho diferencia-se profundamente daquela dos séculos passados. O novo milênio vê o trabalho numa fase de transição com a passagem progressiva de uma economia industrial baseada no modelo *fordista*, que fazia da montagem em série e da divisão das tarefas no interior da fábrica sua peculiaridade, para uma *economia da informação e dos serviços*, onde se dá muito valor às atividades caracterizadas por um forte conteúdo informativo, a respeito das atividades do setor primário e secundário. O recurso "humano" com sua *capacidade de conhecimento e de relação produtiva* torna-se o recurso central da economia.

Um olhar sobre o hoje

Uma nova visão do trabalho e de sua organização leva inevitavelmente a uma nova visão do homem e de sua vida na sociedade.

Em um momento histórico complexo como o que estamos vivendo, fala-se continuamente de problemas ligados ao trabalho e, em termos sempre mais preocupantes, fala-se dos impactos sobre o mundo juvenil.

Flexibilidade, precariedade, desemprego, mobilidade são os termos com os quais o mundo das novas gerações, e não só, deve aprender a familiarizar-se.

Com a globalização e a abertura dos mercados, primeiro começaram a circular os bens, depois os seus componentes e agora circulam os serviços e mesmo as pessoas de uma empresa para a outra e, também, de um continente para o outro. Com a globalização dos mercados a produção regula-se hoje sobre a lógica dos fluxos, os lugares são muito menos importantes, o que interessa é a possibilidade de movimento. Isso levou a profundas transformações. Andrea Casavecchia, sociólogo e professor de Sociologia dos processos culturais na Universidade de Roma Três, extrai deste novo cenário três consequências.

O trabalho explode. A fábrica homogênea, uniforme e monolítica dispersou-se e se fragmentou entrando em processo, desfrutando das inovações tecnológicas e das redes de informática. Os lugares de trabalho são menores e menos agregados e interagem entre si por meio de uma teia interativa capaz de trocar informações, enviar comunicações e tomar decisões em tempo real.

Os novos *tablet* e *i-pad* estão abrindo uma nova fase onde se realiza uma espécie de escritório móvel animado por trabalhadores individuais dotados de poderosos dispositivos móveis para a transmissão e processamento das informações.

Mudam os princípios hierárquicos. Entre empregadores e empregados, os equilíbrios reguladores do poder tornam-se mais sutis: as empresas confiam parte do trabalho especializado a outras empresas que possam oferecer um preço melhor. Cria-se uma dependência entre 'empresa mãe' e empresas subcontratadas que se tornam sempre mais dependentes e sofrem as contínuas quedas de preço ligados à maior ou menor demanda de produtos. Tudo isso se reflete sobre a mão de obra, porquanto a empresa deve aplicar flexibilidade de horário e de salário aos seus dependentes.

Omitem os tempos de vida. A reorganização produtiva prevê a contínua conexão em rede que torna menos padronizável o tempo. A maior extensão e intensidade dos horários de trabalho leva a calendários e horários anormais, com o aumento de emprego nas horas noturnas. O trabalho invade a vida cotidiana e muda os seus ritmos: o repouso e a festa não são mais os mesmos para todos.

À imagem do Deus Criador

Quando se olha para o homem e para a sua dimensão de trabalho na ótica cristã pensa-se em uma atividade na qual se manifesta o amor de Deus pelo próximo e pela criação.

Não se pode entender o trabalho só como um meio necessário para viver. O homem, por meio dele, tem a possibilidade de exprimir sua personalidade, de colaborar com o plano criador de Deus e redentor de Cristo. Enfrentar a temática do trabalho não tem um caráter apenas econômico, mas também ético, cultural e antropológico e, portanto também, uma dimensão educativa.

Um humanismo autêntico, que privilegie o ser e não o ter, o espiritual e não o material, pode "humanizar" o trabalho.

Deus quis o homem como um ser social. A vida social, para a pessoa humana, não é um acessório, mas uma dimensão natural e essencial; a dimensão relacional é importante para a sua maturação. Somente por meio do relacionamento com os outros, a reciprocidade nos serviços e o diálogo com os irmãos, a pessoa desenvolve as próprias virtudes e responde à sua vocação.

O trabalho está estreitamente ligado a todas as dimensões da pessoa e, ao mesmo tempo, é um meio para a completa realização pessoal. De fato, o trabalho tem uma dupla fecundidade. É fecundo porque produz riqueza, ou seja, aumenta o que se tem; mas é também fecundo porque, sendo um momento vital para a pessoa que o desenvolve, tende, pela sua própria natureza, a se refletir sobre sua afirmação pessoal, ou seja, sobre seu crescimento naquilo que ele é.

O trabalho é também o meio mediante o qual a pessoa humana tem uma comprovação das suas capacidades: utilizando os próprios recursos, realiza-se como protagonista e artífice da história e da civilização.

O magistério social da Igreja sublinha, sobretudo na Encíclica *Laboren exercens*, a dimensão subjetiva do trabalho enquanto atividade livremente empreendida pelo homem, não só para a justa afirmação de si, dos próprios dons, para adquirir maior disponibilidade de meios, mas também como empenho obrigatório de serviço aos outros, a toda a coletividade humana. O trabalho é então entendido como vocação ou como atividade que assume um significado e um valor que a transcende: trabalhar e obedecer a Deus é servir e amar os irmãos e transformar a mesma realidade física e material para que o mundo, no curso da história, se torne sempre mais humano, para construir a cidade do homem.

Para além das diversificações que possam ter as atividades, todas são importantes pelo empenho que cada qual coloca no seu trabalho, pela dedicação, abnegação, sacrifício, honestidade: disposições estas que tornam a vida preciosa e digna de ser vivida.

O trabalho é, para um cristão, atividade de amor que torna o homem colaborador de Deus. Há da parte de Deus uma zona quase neutra na qual quer que o homem atue as capacidades recebidas. Em termos simples: o homem não é feito para o trabalho, mas o trabalho para o homem. O trabalho deve ser assegurado pela espiritualidade do homem que intervém na natureza e nas coisas com senso de respeito e de equilíbrio. Não aviltamento, mas exaltação da natureza! Então, responsabilidade ética e humanista ao lado da responsabilidade econômica. Educação aos valores mais que efficientismo pragmático.

O trabalho como vocação

O trabalho é vocação do homem e não castigo divino. Chamado a cultivar e a cuidar da criação, o homem por meio do trabalho expressa a si mesmo, o próprio talento, as próprias capacidades, a própria criatividade à imagem do Criador, à imagem de um Deus que “trabalha” na Criação e na Redenção. Se o trabalho for honroso, ele é bênção de Deus para o homem e restitui o homem a Deus. A este Deus que trabalhou seis dias e no sétimo descansou, festejou e se alegrou, achando que era bom o trabalho de suas mãos (*Gen 2,2*); que por duas décadas de sua vida terrena, pelo menos, trabalhou como carpinteiro em Nazaré (*Mc 6,3*); que redimiu o trabalho e chamou os discípulos a segui-lo enquanto trabalhavam, convidando-os a se tornarem pescadores de homens (*Lc 5,10*). Jesus nos ensina a valorizar o trabalho e a não nos deixar escravizar por ele, a vivê-lo na profunda relação entre fé e vida, que permite ao homem acolher os outros como irmãos e cuidar da criação como dom de Deus.

O trabalho como vocação está ligado à vida da pessoa, é tarefa única e irrepetível, pois, o que deixamos de fazer ninguém o fará; é vida da pessoa e para a pessoa, mas jamais é assunto privado, porque é aberto a uma comunidade mais ampla, aos outros, a Deus; é serviço na cidade e na sociedade, missão no mundo; é construção de um projeto que vem de longe, encarna-se no hoje e é alcançado no amanhã. Se o futuro não alimenta o presente, é ilusão; só a visão de um futuro possível alimenta o presente, é dom de si a Deus e, portanto, aos outros.

A medida certa

Viver a dimensão do trabalho na própria vida significa também encontrar a medida certa, para evitar o risco do ativismo, do eficientismo, de entrar na ótica da produtividade a todo custo. Uma dedicação de tempo excessiva às atividades de trabalho pode tirar o espaço de outras atividades que desenvolvem outras dimensões da vida de cada ser humano. É necessária uma espécie de “ecologia” humana que saiba harmonizar os tempos da atividade com os tempos do repouso, do refazer-se, do repensar-se.

Este é um risco também para as comunidades religiosas, quando se perde o equilíbrio entre o *ora et labora*. O silêncio, o repouso, o dedicar-me a tarefas não necessariamente ligadas à minha ocupação principal, não só me permitem viver de modo mais integrado a minha vida, mas me dão a possibilidade de “me revigorar” para ser capaz de enfrentar o próprio trabalho com mais eficiência. Há tempos ativos e tempos passivos, ambos úteis: uns para trabalhar, outros para pensar, criar, imaginar.

Dar espaço às relações, por exemplo, pode ser enriquecedor e pode trazer fecundidade também aos resultados do próprio trabalho.

Já dissemos que o trabalho está a serviço da dignidade do homem, que ele pode tornar o homem mais homem. Mas é preciso estar atento para não fazer dele uma força alienante. Pode-se “apostar no trabalho” para fugir de outras responsabilidades relacionais, tanto em família como na comunidade religiosa. Pode-se perder de vista a dimensão do serviço e deixar-se amarrar por uma sensação de onipotência e de super eficientismo.

Outro risco é viver o trabalho como pura competição e busca de sucesso. Para vencer isso é útil viver cada trabalho na ótica da cooperação. Contribui-se para construir algo do qual não somos mestres, mas que serve ao bem da humanidade.

É necessário redescobrir o sentido da festa. Em uma sociedade do “24 horas sobre 24” e do “7 dias sobre 7”, as comunidades religiosas deveriam dar testemunho de saber parar. De saber fazer uma parada cientes de que naquele descanso “trabalha o próprio Deus”.

Como Dom Bosco e Madre Mazzarello concebiam o trabalho?

Dom Bosco que cresceu entre as colinas e os campos piemonteses, havia aprendido muito bem com que esforço o camponês daquele tempo ganhava para viver. Como padre, quer criar comunidades de trabalhadores valentes, admirados pelos contemporâneos da primeira era industrial.

Em uma carta a Dom José Fagnano, missionário na América, escrevia: "Mas tu, lembra sempre a todos os nossos Salesianos o programa adotado por nós: *Trabalho e temperança. São duas armas com as quais conseguiremos vencer todos e tudo*" (14.11.1877).

Ele, de fato, insistia com frequência: *O trabalho e a temperança* farão florescer a Congregação, em vez disso, a busca das riquezas será a sua morte. O personagem do sonho dos 'dez diamantes' (Cf MB XV, 184), o havia alertado sobre a eficácia deste binômio.

A junção de *trabalho e temperança* era intencional nos escritos de Dom Bosco, tanto assim que a atual Regra de vida dos salesianos a conserva e a explica: "O salesiano entrega-se à sua missão com operosidade incansável, cuidando de fazer bem todas as coisas com simplicidade e moderação. Com o seu trabalho sabe que participa da ação criadora de Deus e que coopera com Cristo na construção do Reino. A temperança reforça-lhe a guarda do coração e o domínio de si e o ajuda a manter-se sereno" (art. 18).

Dom Bosco honrava o trabalho e o colocava no topo do seu programa nas batalhas da vida. "Encontrando-nos cansados e extenuados, escreveu Mons. Giovanni Cagliero: coragem, dizia, trabalhemos, trabalhemos sempre, porque lá em cima teremos um repouso eterno. E se acontecer que um Salesiano morra no trabalho em favor das almas, então podereis dizer que a Congregação alcançou um grande triunfo, e sobre ela descerão copiosas bênçãos do céu" (MB, VII, 484).

Era, porém, uma *espiritualidade do trabalho*. Imaginava os seus religiosos '*de mangas arregaçadas*', dedicados à missão entre os jovens com uma atividade incansável, dispostos a sofrerem tudo apenas para fazer-lhes o bem e ganhá-los para Deus. Neste sentido, o trabalho ensinado por Dom Bosco é ao mesmo tempo mística, ascese e exigência da consagração a Deus, na liberdade alegre que nasce da castidade, da pobreza e da obediência.

A missão não se identifica simplesmente com a atividade ou a ação externa, mas é uma autêntica experiência espiritual, é o lugar teológico no qual encontramos e servimos a Deus, numa síntese harmônica entre fé e cultura, trabalho e oração.

Trabalha-se com competência, mas conta-se antes de tudo com a força de Deus.

É esta a oração do *Da mihi animas* que viveu Dom Bosco: rezar sem cessar na plena dedicação ao empenho apostólico. Assim, a oração se une com a vida: precede, acompanha e segue a ação apostólica, está ligada aos jovens com os quais e pelos quais se reza.

Desde pequeno Dom Bosco havia feito a experiência da fecundidade da oração. Quando está trabalhando na fazenda Moglia o patrão zomba dele porque o vê de joelhos rezando. Joãozinho responde: "Minha mãe ensinou-me que, quando rezamos, de dois grãos nascem quatro espigas, quando não rezamos de quatro grãos nascem duas espigas apenas. Portanto, também o senhor deveria rezar". O velho sorriu e murmurou: "Temos também o mestre".

Dom Bosco foi um contemplativo na ação e um ativo na contemplação; este dinamismo dialético remete diretamente ao próprio mistério de Deus.

A experiência de **Maria Domingas Mazzarello**, definida por Dom Kothgasser 'a contemplativa operante', é também esta. Quem dela se aproxima para estudar sua vida, descobre que traz no coração um atrativo secreto, semelhante a um ímã: Deus.

Percebe-se na infância e na adolescência: a janelinha da contemplação é o lugar do seu descanso depois da dura fadiga de uma jornada de trabalho no campo.

Afinal, para além do vale, na igreja da aldeia, está Jesus Eucarístico, e é Ele que a espera para um diálogo de secreta amizade, compartilhado também por sua família.

Seu pai, homem sábio, do qual a primogênita se torna rapidamente o braço direito, transmite-lhe o sentido do trabalho e uma crescente capacidade de refletir e de discernir. Deste modo Maria Domingas se tornará uma trabalhadora incansável e também uma contemplativa, que se acusará certo dia de haver passado um quarto de hora sem pensar em Deus.

Este seu ser totalmente de Deus levou-a também a doar-se totalmente ao bem das meninas e das jovens.

O seu lema habitual: "Cada ponto de agulha seja um ato de amor a Deus" expressa uma intenção que provém de um coração que ama e comunica vida.

Maria Domingas, sob o sopro do Espírito, guiava suas filhas por trilhas difíceis que exigiam delas uma coragem incomum. Assim, o carisma salesiano recebeu um rosto feminino, encarnado em primeira pessoa por ela. Em Mornese o trabalho era um elemento decisivo. Dom Aubry afirma a

este respeito: "As primeiras salesianas não tinham cilícios, mas chegavam à noite exaustas pelo cansaço".

Elas caíam, literalmente, na brecha: quantas morreram antes dos trinta anos! Das cartas às filhas missionárias, já fisicamente distantes da 'casa do amor de Deus', podemos captar o estilo de Madre Mazzarello no seu ministério de animação e de acompanhamento.

No que diz respeito ao trabalho, escrevia à Ir. Angela Vallese, diretora da casa de Villa Colón: "Estou contente por saber que essas irmãs são boas e trabalham [...]. Incentive-as a serem cada vez mais humildes e obedientes, amantes do trabalho, a trabalharem com reta intenção..." (C 17.1).

E em outra ocasião: "Você me diz que precisa trabalhar muito, e isso me deixa contente porque o trabalho é o pai das virtudes, trabalhando fogem os grilos e a alegria é perene. Enquanto eu lhes recomendo que trabalhem, recomendo-lhes também que cuidem da saúde, e a todas recomendo trabalhar sem nenhuma ambição e somente para agradar a Jesus" (C 25.5).

Nestas e noutras Cartas volta a insistir sobre a retidão de intenção, sobre a pureza de coração.

Anselm Grün comenta a respeito: "Para Maria Mazzarello, outro critério para identificar um trabalho rico de bênçãos é a ausência de segundas intenções. Se eu quero me impor apenas pelo trabalho, logo me sinto esgotado. Se ao invés o trabalho provém da fonte interior, então posso trabalhar muito. Para Maria a fonte interior não é só a fonte do Espírito Santo, mas o amor a Jesus. Se eu faço o meu trabalho por Jesus, isto me dá alegria e, então, posso trabalhar mais do que se eu me colocasse sob a pressão da produtividade".

Dom Bosco e Maria Domingas nos precederam e nos abriram o caminho de uma entrega total ao serviço do Reino, trabalhando no sulco educacional para o bem dos jovens e das jovens.

j.arciniegas@cgfma.org, arcristaino@cgfma.org

ENCONTROS

Com coração de Pai e clarividência de Fundador

Piera Cavaglià

De 1872 em diante os encontros de Dom Bosco com Maria Domingas Mazzarello e a comunidade de Mornese se sucederam em ritmo intenso. A *Cronistória* registra um estilo de acompanhamento discreto e solícito, sempre aberto a perspectivas novas e mais amplas.

O Fundador observa com complacência o desenrolar gradual de um projeto que não cessa de suscitar estupor. A casa está de fato em contínua expansão: em 1874 as FMA são 14, as noviças 8, as postulantes 8 e as educandas 17. Só as "finanças" – como se lê no relatório de Dom Pestarino a Dom Bosco – causam preocupação (Cf *Cronistória* II 92).

Entre sofrimentos, perplexidades e esperanças

O ano de 1874 foi marcado pela passagem frequente da morte pela comunidade: em 29 de janeiro morre a primeira FMA: Ir. Maria Poggio, a cozinheira diligente e serena, mesmo tendo de lutar contra a pobreza que beira à miséria.

Em 15 de maio morre improvisamente Dom Domenico Pestarino com 63 anos. É um drama para a aldeia e para a comunidade das FMA.

As irmãs, «como se um raio tivesse derrubado a casa», perguntam-se: "O que será de nós».

Dom Bosco manda para Mornese Dom Bodrato e Dom Giovanni Cagliero para assegurarem às irmãs que o Instituto não morrerá!

Em 5 de junho, em Mornese, chora-se novamente: a jovem professora de música, Ir. Corinna Arrigotti, com a idade de 18 anos também parte para o Céu e, no dia 22 daquele mês, outro funeral: a educanda Emilia Chiara, neta da senhora Blengini.

A desejada chegada de Dom Bosco em Mornese

Dom Bosco, nas proximidades do trigésimo dia de falecimento de Dom Pestarino chega em Mornese, talvez entre os dias 10 e 15 de junho de 1874. Vem para confortar as irmãs, mas mais do que olhar para o passado, ajuda-as a projetar-se para o futuro. Há Bispos que esperam as FMA: é preciso contentá-los! De fato, prepara-se a primeira fundação fora de Mornese: em Borgo San Martino, para 8 de outubro.

A comunidade, apesar de ser tão pobre, é fonte de esperança para Dom Bosco. Assim escreve à senhora Francesca Pastore, benfeitora, em 15 de junho: «Eu estou em Mornese, e procuro preencher o vazio deixado pelo falecido D. Pestarino; mas é muito difícil. Um só fazia muito, e agora muitos tentam fazer pouco. Confiamos em Deus. Porém, é grande o fervor das irmãs professoras, das postulantes e até das educandas, e isto nos faz esperar o melhor» (Carta à Sra. Francesca Pastore, in *Orme di vita* 117).

Naqueles dias Dom Bosco coloca-se totalmente à disposição da comunidade: confessa, encontra pessoalmente as irmãs, visita a casa, a oficina de costura e a escola. Diz uma palavra a cada uma das educandas, que encontra bem inseridas no ambiente e afeiçoadas às irmãs. Observa o pátio onde os saltos, os cantos, os jogos, a amizade entre as irmãs e as meninas lhe asseguram que a finalidade do Instituto está se realizando.

Naquela ocasião Dom Bosco preside os exercícios espirituais, recebe os votos das oito professoras e admite ao Noviciado 13 jovens. A comunidade em contínua expansão é para todos motivo de esperança.

Eleições regulares das superiores e orientações programáticas

Dom Bosco não só abre novas perspectivas de fundação, mas também decide reunir todas as irmãs para eleger a superiora e o seu conselho. Passaram-se alguns anos do primeiro mandato e é necessário ouvir de novo o parecer da comunidade. A preparação espiritual foi realizada durante os exercícios espirituais. Agora, em uma desconcertante simplicidade, realiza-se a eleição secreta: uma a uma as irmãs se aproximam de Dom Bosco e lhe dizem em voz baixa um nome e ele escreve... Procura, deste modo, ajudar as que ainda não sabem escrever!

É eleita, para alegria de todas, Ir. Maria Mazzarello como Superiora geral. Do mesmo modo, procedem as outras eleições e o Conselho geral logo fica completo. São confirmadas: a Vigária, Ir. Petronilla Mazzarello e a ecônoma Ir. Giovanna Ferretino, e acrescentada uma assistente ou Conselheira: Ir. Felicita Mazzarello, que tinha sido mestra das noviças, e o papel de mestra passa para Ir. Maria Grosso (Cf *Cronistoria* II 96). Dom Bosco mostrou-se satisfeito e, por sugestão das irmãs, consentiu que Ir. Maria, a "pobre vigária", como ela mesma se definia, fosse chamada por todas: *Madre*.

Em seguida dá preciosos conselhos sobre o modo melhor de desenvolver algumas atividades comunitárias, sobre o horário e o silêncio "rigoroso" que deseja perfeitamente observado.

É inesquecível para todas o que Dom Bosco recomenda ao bom andamento do Instituto e que a *Cronistoria* nos transmitiu com fidelidade: «Eu vos exorto a secundar o mais possível a inclinação das noviças, no que diz respeito à ocupação. Às vezes pensa-se ser virtude fazer renegar a vontade com este ou outro ofício contrário ao próprio pendor, daí deriva, em vez, dano à irmã e também à Congregação.

Dom Bosco ainda faz um ato importante em Mornese, naquele encontro de junho de 1874: nomeia Dom Giovanni Cagliari como seu representante junto ao Instituto das FMA e a motivação apresentada abre a comunidade para um horizonte missionário, pois, «o Instituto deverá estender-se muito e bem depressa». Dom Pestarino abriu a primeira comunidade às exigências da paróquia, o encontro com Dom Bosco dá à casa de Mornese um novo impulso de esperança e um horizonte amplo e profético dilatando os espaços do coração para a Igreja e para o mundo.

pcavaglia@cgfma.org

Missão Jovem FMA Onlus

A Redação

A Missão Jovem – FMA ONLUS trabalha com as FMA de todo o mundo a serviço da vida, da saúde, da dignidade da pessoa. Promove e acompanha projetos de microcrédito e dá suporte a dezenas de iniciativas humanitárias.

A Missão Jovem – FMA ONLUS está a serviço do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, para oferecer à realidade e às situações desfavorecidas, meios financeiros e estruturas úteis em benefício principalmente do desenvolvimento das crianças, dos jovens e das mulheres. Nasceu em 2010 e é coordenada pelo Âmbito para a Administração do Instituto FMA.

Nesta ótica, parte da missão da ONLUS consiste em desenvolver funções de coordenação com as outras realidades nacionais e internacionais (instituições, fundações, empresas, terceiro setor, etc.) com o fim de facilitar as atividades de educação, instrução e beneficência que costumam caracterizar as ações do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora em nível global.

A Missão Jovem – FMA ONLUS procura, portanto, percursos adequados às diversas culturas, que tornam os jovens capazes de livres escolhas na realização de si mesmos e no serviço aos outros e, ao mesmo tempo, empenha-se para sensibilizá-los dos grandes problemas da pobreza, habilitando-os a contribuir com competência e espírito evangélico à edificação de uma sociedade mais justa. Apoia iniciativas em 5 Continentes, em mais de 90 Nações, embasando-se na experiência das comunidades educativas FMA.

Muitas iniciativas, por razões de oportunidade estratégica e logística, são coletadas em Campanhas que são um conjunto articulado, homogêneo e coerente de atividades e projetos voltados para a deliberação de criticidades definidas em nível Geográfico e Temático.

O apoio direto das Campanhas permite à *Missão Jovem – FMA ONLUS* coordenar os seus esforços com os de outros operadores do Terceiro Setor, Instituições internacionais e Organizações que operam diretamente in loco ou sobre o tema.

Entre as **campanhas ativas**, está em andamento, no seu segundo ano, aquela em favor do **Haiti**, nação atingida pelo terremoto de janeiro de 2010. Depois de uma primeira intervenção para socorrer na emergência, agora segue a fase de reconstrução. Concretamente, por meio de um trabalho em sinergia com as FMA do lugar, desejar-se-ia destinar os auxílios recebidos para ajudar 18.000 meninos e meninas haitianos que frequentam as escolas das FMA; reconstruir 10 unidades habitacionais destinadas à população; promover a adoção, à distância, de um professor; construir 16 bangalôs na periferia de Port-au-Prince, destinados a serem casas-família para as crianças órfãs do terremoto.

A Missão Jovem – FMA ONLUS apoia também projetos geridos pelas FMA para fornecer “recursos financeiros” alternativos aos pobres: **o microcrédito**. Os projetos de microcrédito visam à criação de microeconomias que beneficiam não exclusivamente os beneficiários do microcrédito, mas toda a comunidade da qual fazem parte, integrando frequentemente momentos formativos para facilitar a reprodução da experiência de microempresa.

O microcrédito é um pequeno empréstimo concedido a uma pessoa conhecida, necessitada de dinheiro, mas impossibilitada de ter acesso ao sistema bancário tradicional, porquanto privada de garantias idôneas. O pedido de dinheiro, normalmente é para a melhoria da própria atividade de trabalho, frequentemente informal, mas pode servir também para resolver outros problemas familiares do momento. As FMA utilizam as doações dos benfeitores para o fornecimento do crédito, ocupando-se com a identificação das necessidades, a assistência à preparação dos projetos e colocando à disposição uma ampla gama de serviços. O microcrédito torna-se possível graças à criação de um *fundo de rotação* que é atribuído a uma comunidade FMA e/ou a um grupo a ela pertencente. A supervisão, o acompanhamento e a formação são implementados pelas FMA ou pelos animadores. A gestão do crédito varia em função da tipologia do projeto, do contexto de atuação e do grupo. A escolha de aplicar fundos de rotação permite uma reutilização

dos créditos uma vez restituídos pelos beneficiários originais. Os tempos de rotação permitem uma utilização contínua e ideal dos fundos colocados à disposição pelos benfeitores.

O microcrédito visa à consolidação e ao reforço da "dignidade humana", frequentemente lesada ou reduzida a partir das formas de assistencialismo. A tipologia de intervenção e o mesmo processo dos procedimentos de microcrédito – desde a concessão do crédito até o término da sua restituição – permitem proximidades que se harmonizam com um conhecimento direto da vida das famílias dos candidatos e dos seus problemas, bem como de sua comunidade de pertença.

O microcrédito tem também um enorme valor formativo/educativo. O seu impacto estimula o crescimento da autoconsciência e do respeito a si mesmos assim como da responsabilidade em todos os níveis, pessoal, familiar, comunitário e social.

A Campanha da Microeconomia e Microcrédito realizada pelas FMA e sustentada pela Missão Jovem – FMA ONLUS financia projetos de todo gênero: reprodução, agricultura, microeconomias de formação (preparação de granjas / instrução para a formação dos jovens operadores), roupas e alfaiataria (tecidos, vestuários, acessórios, etc.), artesanato e artigos de couro (vasos, presentes, bolsas, mochilas, etc.), profissões (cabeleireiro, esteticista, informática, cozinheiro, etc.).

Para acompanhar as campanhas e saber mais sobre os projetos da *Missão Jovem - FMA ONLUS* visite o site <http://www.missionegiovanifma.org/>

CONSTRUIR A PAZ

Diálogo e nãoviolência

Martha Séide

«O diálogo desfaz os nós, dissipa as suspeitas, abre as portas, resolve os conflitos, faz a pessoa crescer. É vínculo de unidade e fonte de fraternidade. Ó Senhor Jesus, dê-nos a graça do diálogo». (Inácio Larrañaga)

O mundo em permanente violência

Segundo a nova edição do *Atlas das guerras e dos conflitos do mundo*, projetada e dirigida por Raffaele Crocco, jornalista da RAI e colaborador da *Peace Reporter*, a terra está em guerra permanente. Os dados coletados ilustram claramente a situação em nível mundial. No relatório, contam-se, neste momento, 35 conflitos no mundo e 10 situações extremas, para um total de 45 áreas da Terra com alarme vermelho. Dos 193 Países membros da ONU, um sobre cinco está em conflito. Além desses dados, basta tomar um jornal de qualquer contexto ou seguir regularmente os telejornais para confirmar a espessura do clima de violência vigente no nosso mundo. De fato, a violência está crescendo e se expande em todos os campos da existência humana. Não se trata só da macro-violência como as guerras e a criminalidade, mas de violência com uma forte conotação econômica, religiosa, psicológica, social, midiática, doméstica, familiar, sexista, verbal, individual. Todos nós, de algum modo estamos envolvidos pela espiral da violência nas palavras, nos gestos, nas ações da vida cotidiana e talvez nos consideremos pessoas nãoviolentas só porque falamos dela. A este propósito, afirma o famoso franciscano francês, Alain Richard, há anos empenhado em atividades não violentas: «O fato de que eu fale da nãoviolência não significa que eu seja nãoviolento». Isto para dizer que somos chamados a enfrentar os conflitos no decorrer de toda a nossa vida e, portanto, é necessário encontrar modalidades nãoviolentas para resolvê-los de maneira eficaz.

Da violência à nãoviolência ativa

Na linha gandhiana, a nãoviolência não é a atitude de quem evita o choque por medo, nem pode reduzir-se às manifestações dos pacifistas; ela é, ao invés, um processo que permite aprender gradualmente a se tornar mais humanos.

Ken Butigan, professor e atual diretor do Centro Franciscano para a nãoviolência "Paz e Bem" dos Estados Unidos, no seu livro *"Da violência à integridade"*, afirma que a nãoviolência não é um estado de perfeição idealística, mas alguma coisa que se aprende e, portanto, se constrói gradualmente. Por isso prefere-se falar de nãoviolência ativa.

Ele admite que a violência seja um fato real, mas reconhece a importância dos grandes valores para transformá-la. E mais ainda, a nãoviolência ativa é um convite a assumir a responsabilidade do próprio comportamento independentemente do comportamento do outro. Ela pode ser utilizada para enfrentar todo tipo de manifestação de violência.

Além disso, não é uma ação isolada; requer o envolvimento de toda a comunidade que se une para transformar a própria violência e a violência em torno de si. Em última análise, para empreender este caminho de modo adequado, Butigan apresenta a nãoviolência ativa como uma viagem espiritual. Trata-se de um percurso que leva do desespero à esperança, do medo à graça, da fragmentação à unidade do nosso ser. Deste modo podemos voltar à nossa fonte para encontrar o Deus de amor que transforma e cura todas as feridas e anseia ardentemente pela nossa plenitude como indivíduos e como comunidades.

O caminho do diálogo

Se a nãoviolência ativa conduz as pessoas à plenitude em humanidade, um dos caminhos privilegiados para realizá-la é o diálogo.

A partir desta perspectiva, promover o diálogo é favorecer a relação, o encontro, a reciprocidade. Inácio Larrañaga fala da graça do diálogo, uma graça a ser pedida precisamente porque desfaz os nós, dissipa as suspeitas, abre as portas, resolve os conflitos, faz a pessoa crescer. O verdadeiro diálogo é vínculo de unidade e fonte de fraternidade, pode provocar transformações significativas na vida das pessoas tornando-as capazes de derrubar muros e construir pontes.

Na sua mensagem para a 45ª jornada mundial da Paz de 1º de janeiro de 2012, o Santo Padre evidenciou a necessidade para os jovens de aprenderem o valor e o método da convivência pacífica, do respeito recíproco, do diálogo, da compreensão, da capacidade de resolver os problemas de forma nãoviolenta. Em última análise, educar-se e educar para a justiça, para a paz e para a nãoviolência requer antes de tudo a coragem de empreender uma viagem espiritual rumo ao crescimento em humanidade.

mseide@yahoo.com

Decálogo para uma espiritualidade da nãoviolência (Rosemary Lynch, *osf* e Alain Richard, *ofm*)

Aceitar a si mesmos em profundidade. Isso ajudará a libertar-se das decepções e das falsas expectativas. Conscientizar-se de que o que causa ressentimento e o que se detesta nos outros deriva da própria dificuldade de admitir aquela mesma realidade em si mesmos. Tomar consciência e renunciar à própria violência: estar atentos às palavras, aos gestos, ao modo de reagir. Renunciar à ambiguidade, à mentalidade que divide as pessoas e que permite "demonizar" o adversário. Conscientizar-se de que "a nova criação", a construção de uma "comunidade de amor", é um esforço que é realizado junto com os outros, jamais é trabalho de um só. Ver-se como parte da criação sobre a qual é preciso exercer o cuidado do amor e não o poder do domínio. Aprender a perceber o sagrado, "o que é de Deus", em cada pessoa e em cada criatura, saber ver a bondade de Deus em cada ser humano, em cada ser criado, em cada sociedade. Estar dispostos a sofrer com alegria, se isso ajudar a libertar, nos outros, o divino, o sagrado, o amor. Ser capazes de celebrar a presença de Deus onde ela é aceita; descobri-la e reconhecê-la onde não o é. Ir devagar e, com paciência, plantar, regar, cultivar as sementes no próprio coração e ao redor de si.

Ativismo

Giuseppina Teruggi

“Esta manhã, ao acordar descobri que ainda tenho o hábito de pensar: ‘O que farei hoje, como o farei e em que ordem’. Então percebi que tudo isso não é mais necessário. [...] Acredito que, em grande parte, o meu cansaço não deriva tanto do tipo de trabalho que faço, mas das tensões que emprego ao realizá-lo. [...] Devo penetrar ‘pelo outro lado’, o lado tranquilo, ritmado, sólido para a minha vida, a corrente compacta e profunda que flui sob as ondas inquietas do meu mar!” (Henri Nouwen, *Ho ascoltato il silenzio*).

Amar e trabalhar

‘Tenho muito que fazer’, ‘falta-me tempo’, repetimos muitas vezes. Ter várias situações para serem enfrentadas; defrontar-se com mais de um problema a ser resolvido; enfrentar pensamentos aos quais dar uma prioridade: é difícil eximir-se de tudo isso. Estamos imersas em um ritmo de vida não comparável àquele dos anos da juventude de muitas de nós. Admiramos, todavia, as pessoas que sabem gerir com calma e realismo, sem agitação, as tarefas que lhe são confiadas. De algumas, pode-se dizer que sabem enfrentar cada situação como se fosse a única, como se não tivessem outra coisa para fazer! E, por sorte, encontramos nas nossas comunidades irmãs que sabem ser assim!

Perguntaram a Freud o que uma pessoa normal deve saber fazer bem: “Amar e trabalhar”, foi a resposta de um especialista não, certamente, de vida religiosa, mas de um homem que sabia penetrar as profundezas da psicologia humana e decifrar suas dinâmicas fundamentais. Com esta resposta, Freud entendia uma ‘produtividade’ que não chegasse a preocupar a pessoa a ponto de fazê-la perder o direito e a capacidade de saber ‘amar’.

Amar e trabalhar constituem a resposta ao “olhar interior da contemplação”. Nas Constituições lemos que “a nossa oração exprime-se num único movimento de caridade para com Deus e para com o próximo” (C 38) e que “viver e trabalhar juntas no nome do Senhor é um elemento essencial de nossa vocação” (C 49). Consideram que a base da nossa espiritualidade e pedagogia è um “sério empenho de alegria, trabalho e piedade” (C 71).

O trabalho para a pessoa

O ativismo é um dos desafios de hoje. Torna-se problema na medida em que compromete as dimensões constitutivas da nossa vida de mulheres consagradas: a dimensão contemplativa, a relação profunda com Deus e com os outros, a comunhão comunitária. Ele tem sido frequentemente sublinhado também nas Avaliações trienais do Instituto, em todo o mundo.

O trabalho é uma característica da pessoa humana, o seu modo de ser no mundo, desde as primeiras fases da existência: a criança desde pequena ‘trabalha’ por meio dos brinquedos e com eles simula atividades de trabalho. No trabalho harmonizam-se a posse responsável de um dever que dá sentido à vida, a percepção de ser amado e de amar, a possibilidade de ser valorizado e de contribuir ao bem comum. O trabalho é caminho para a realização pessoal e favorece o processo de socialização. De fato, cada atividade de trabalho enraíza-se numa relação de dar e receber, de colaboração em reciprocidade, de comunicação consigo mesmos e com os outros.

Como Educadoras, procuramos ajudar os jovens no contexto da formação, a experimentar o trabalho como elemento fundamental de expressão e de realização humana; como meio para sustentar a si mesmos e a própria família em um clima de dignidade e segurança; como contribuição pessoal e original na construção de um mundo melhor enraizado nos valores evangélicos; como compromisso com o desenvolvimento civil e econômico da sociedade.

Nós os ajudamos a irem além da consideração do trabalho como único motivo de autorrealização, de status social, de prestígio defronte aos outros. Em uma cultura onde a pessoa às vezes trabalha para acobertar formas de insegurança mais ou menos radicais, ou assume o trabalho como um valor absoluto: valho pela quantidade de trabalho que faço! - toma corpo um ativismo compulsivo e frenético que leva a diminuir outros valores que dão vigor à existência.

Muitos modos de ser ativos

Em vários contextos fala-se de ativismo. Existe um *ativismo pedagógico* que promove um tipo de escola não convencional, baseada nos interesses dos jovens, de acordo com a psicologia do aluno e não tanto com a do mestre. Uma escola capaz de superar o nocionismo e a escuta passiva dos professores. Segundo John Dewey, que foi o seu idealizador, é fundamental dar prioridade ao método e ir além dos conteúdos prefixados: as noções mudam, enquanto o que realmente conta é a pesquisa e o desenvolvimento da capacidade crítica.

Hoje se fala de *ativismo on-line*, baseado num proliferar de apelos digitais, de informações e pressões para sustentar campanhas ou difundir ideias. Muitos se perguntam se isso corresponde a um empenho real de querer mudar as coisas e se o ativismo digital, com cliques compulsivos, é realmente eficaz. Segundo os mais críticos, tratar-se-ia de uma forma degradada de participação civil, que tem transformado o compromisso numa questão de clique. Por isso, fala-se de *cliquetivismo* e, a partir de 1998 com a fundação do *MoveOn: Democracy in Action*, alguns grupos começaram a difundir ininterruptamente apelos via e-mail. O seu método explora os mecanismos do marketing, pelo que são acusados de lidar com a promoção das causas sociais do mesmo modo como lidam com a dos produtos comerciais.

Próximo à nossa experiência existe um *ativismo cotidiano* comparável ao que Francisco de Sales chama de "agitação". Na "introdução à vida devota", ele o descreve como "um estado de alma que não é uma simples tentação, mas uma fonte da qual provêm muitas tentações". E notifica que, encontrando-se diante de uma eventualidade, a pessoa pode reagir de vários modos. "Se estiver buscando a libertação por amor próprio, agitar-se-á e se irritará na procura dos meios, como se tudo dependesse mais dela do que de Deus. Então, se não encontrar logo o que está procurando, entra em estado de grande agitação e impaciência que não lhe tolhe o mal, mas o agrava". Por isso, ele sugere: "...antes de tudo fique calmo e sereno, acalme a sua inteligência e a sua vontade e, em seguida, com moderação (não com negligência) e doçura tome posse ordenadamente dos meios aptos a realizar o seu desejo. Sem precipitação e sem perturbação".

Do ativismo à ação

Há quem compare o ativismo ao modo de se aproximar do alimento. Quando alguém percebe o estímulo pode tomar assento junto a uma mesa, ligar a televisão, ver o jornal ou falar com um interlocutor pensando naquilo que deverá fazer em seguida. Consumirá distraidamente o alimento enquanto sua mente viaja por outros lugares. Talvez não vá sentir nem sequer o sabor; não prestará atenção quando estiver saciado e continuará a comer mesmo se o estímulo da fome já tenha desaparecido. Isso não é comer, é destruir o alimento! *Isto é ativismo*. Ao contrário, quando uma pessoa tem fome, interrompe a atividade, para e pega, talvez, uma maçã, olha para ela, admira sua cor, sente o seu perfume. Assim, já está fazendo a sucessão de ações para comê-la, sensorialmente completa e, portanto, "total". Em seguida morde-a, mastiga-a; sente o seu sabor, sem distrair-se com outra coisa. Se tiver sorte e encontrar uma fruta boa, comê-la-á com satisfação e se sentirá saciada. *Isto é ação*.

Também, na linha, de algumas filosofias e religiões orientais, é importante compreender a dinâmica entre ação e ativismo, frequentemente utilizados como sinônimos, mas que denotam situações bem diferentes.

A *ação* consiste em fazer o que as circunstâncias requerem. É resposta a uma exigência precisa e pressupõe uma mente silenciosa e concentrada, existencialmente conectada ao momento presente. A ação é totalmente natural e humana, vivida de modo consciente e responsável para a realização de algum escopo.

O *ativismo* é a situação psicológica na qual, independentemente dos estímulos externos, o sistema corpo-mente considera necessário "fazer alguma coisa".

É um agir fruto de inquietação, sobretudo interior, sem uma relação verdadeira com a situação presente que constitui, eventualmente, só um pretexto. O ativismo pode ter como raiz uma mente inquieta, incapaz de se concentrar sobre as exigências presentes, das quais corre o risco de ser desligada. Uma mente frequentemente "sobrecarregada" de passado ou "ansiosa" pelo futuro.

Para distinguir a ação do ativismo é o "como", não o "o quê"; é o modo com o qual é efetuado aquele ato, não tanto o quê é realizado. O que faz a diferença é o grau de consciência com o qual a ação acontece. Quando o agir é consciente e finalizado dentro de um horizonte mais vasto, cada ação pode se tornar contemplação.

O ativismo compulsivo, pelo qual hoje facilmente nos deixamos agarrar, pode ser reflexo externo de uma experiência interior que incapacita ao silêncio ou, simplesmente, de "ficar" sem "fazer" nada.

Desperdiça-se de tal modo tanta energia em um ativismo frenético, que quando chega o momento de agir verdadeiramente, a ação pode ficar fraca e ineficaz.

É dom saber aproximar-se de "tantas coisas a serem feitas" com a consciência humilde de que o trabalho é a nossa contribuição à criação iniciada por Deus e confiada a nós, por Ele, para que tornemos "o seu jardim" mais belo e visível. Ele nos convida a trabalhar no seu campo, solidários com as irmãs e irmãos do mundo, empenhados em oferecer com responsabilidade uma contribuição à criação continuada do mundo e da história, rumo ao futuro.

gteruggi@cgfma.org

SUPLEMENTO DMA

OS JOVENS E AS CORES

**COMO PODERIA EXISTIR UM DIA EM TUA
VIDA INTEIRA QUE NÃO TIVESSE O SEU
TOQUE DE FELICIDADE?**

**E O TOQUE
É SEMPRE UMA MANCHA.
COLORIDA.**





AZUL

A cor azul é a mais profunda das cores: o olhar pode mergulhar nela sem obstáculos e nela se perder

O azul, quanto mais intenso, mais remete à ideia de infinito, suscitando a saudade do sobrenatural.

Textos extraídos de “Svolta di respiro”
de Antonio Spadaro

CULTURAS

Entrevista com Ir. Priya Tauro (Índia)

Acredito na assistência salesiana

Mara Borsi

Ela é o trunfo da educação salesiana. Nos anos da formação inicial aprendi qual é o verdadeiro significado da presença salesiana. É estar totalmente presente com o próprio ser: um desafio.

Os jovens dos quais cuidamos não são mansos cordeiros; claro, são amigos e obedientes, mas às vezes levantam uma espécie de muro entre nós e eles.

Os anos da minha formação foram muito importantes para mim, porque me ajudaram a compreender aquilo que na vida salesiana é tudo.

Nós, como FMA somos chamadas a ser 'assistentes', a estar 'presentes' entre os jovens, por toda a vida. Este é o único modo legítimo de viver a vida salesiana.

Obviamente é necessário avaliar e vigiar sobre a qualidade da minha 'presença' na vida dos jovens.

Acredito na assistência salesiana

Acredito *porque como FMA nós nos comprometemos a ser pessoas que não têm medo de conduzir os jovens a uma vida plena, a ser firmes e exigentes, sobretudo quando eles são tentados a viver com leviandade, a ter a determinação de fazê-los saber que "Jesus veio para dar Vida em abundância"*.

Experimentei a importância de ser amiga, irmã, mãe e guia entre os jovens. Capaz de cuidar deles com amor, generosidade e gentileza.

Dom Bosco ensinou-nos a "amar o que os jovens amam" de modo que eles possam chegar, a amar o que nós amamos: Deus e o seu Reino. Esta é a convicção que me sustentou nos momentos de dificuldade.

A assistência salesiana é um modo maravilhoso para se conhecer os jovens assim como são; é ficando com eles que podemos ajudá-los a ser "bons cristãos e honestos cidadãos".

No mundo salesiano esta palavra "assistir" tem uma ressonância fortíssima. Assistir quer dizer acompanhar os jovens, estar com eles, apreciar aquilo que eles apreciam, escutar aquilo que escutam ajudando-os assim a crescer em todas as dimensões de sua personalidade.

Dom Bosco deu muita importância à assistência, sobretudo no pátio; para ele é amor verdadeiro, participação ativa ao mundo dos jovens, demonstração de um forte e pessoal interesse por cada um. Ela é fruto do amor, de uma presença educativa, de uma avaliação realista das possibilidades e dos limites no desenvolvimento da menina e do menino que temos diante de nós.

Acredito na assistência salesiana

Acredito *porque* experimentei a beleza de entrar em comunicação profunda com os jovens, de ter uma relação empática com eles, de educá-los à responsabilidade na vida cotidiana, de procurar novos modos de ficar sempre presente.

Com a assistência podemos ajudar quem está crescendo a fugir das seguranças frágeis, a elevar as mãos em prece para invocar Jesus, a ter confiança nele que é o Senhor da nossa vida.

Se devesse responder à pergunta: o que é a assistência salesiana? Diria em síntese: a presença em meio aos jovens, sempre e em qualquer lugar, em qualquer circunstância; uma presença amável, atenciosa, acolhedora. Necessária.

As educadoras e os educadores são chamados a ficar sempre no meio dos jovens também quando esta presença é dificultada pelos empenhos que se multiplicaram e se tornaram complexos, com a complexidade da vida cotidiana.

Em 1884 Dom Bosco já advertia os salesianos, escrevendo-lhes, de Roma, uma famosa carta, na qual lembrava que sem a presença, sem a assistência vigilante e atenta no meio dos jovens a obra educativa é incompleta, e até mesmo esvaziada de conteúdo.

mara@cgfma.org

Não bastam os sacrifícios, mesmo que sejam empenhativos. Não é suficiente gastar-se. Ocorre sintonizar com os jovens, encontrar a linguagem que nos torna compreensíveis. Fazer de modo que percebam a nossa proximidade.

O amor – diz o ex-aluno Buzzetti a Dom Bosco no famoso texto da Carta de Roma – era o que nos servia de regra. Estamos diante de uma realidade preciosa – o amor como presença que acompanha - e, ainda, esta presença educativa e amorosa é um dos aspectos mais delicados e frágeis do Sistema Preventivo. Dom Bosco, já no seu tempo, precisou lamentar que os educadores, pressionados pelas atividades “mártires do estudo e do trabalho” haviam perdido o contato pessoal com os jovens! Para conseguir educar ocorre conquistar a confiança dos jovens. Como é possível se eles não têm confiança, se não se aproximam? Dom Bosco responde: «Tolhendo toda causa que os afasta de nós; aproximando-nos, nós, deles, adaptando-nos aos seus gostos, fazendo-nos quase iguais a eles».

Yvonne Reungoat, Superiora Geral, 10 de janeiro de 2012

PASTORALMENTE

O desafio do “limiar”



Mara Borsi

O oratório é um lugar físico muito articulado que combina elementos de estrutura com espaços de informalidade (a mureta, os campos de jogos, a lanchonete).

Na vida de um oratório alternam-se *situações* formais (o encontro de catequese ou de formação, o jogo organizado, a celebração litúrgica...) e informais (a conversa espontânea, o jogo improvisado, o tempo para as brincadeiras...).

O oratório entra em contato com *grupos* formais (o grupo de catequese, o grupo esportivo, o grupo dos escoteiros...) e com grupos informais (os meninos que frequentam o pátio, os grupinhos que estacionam do lado de fora do prédio ou na praça que está em frente...).

Esta heterogeneidade de ambientes, situações e contatos representa uma grande riqueza: de fato, graças a ela, o oratório é capaz de oferecer diversos níveis de usufruto (desde os mais superficiais “morde e foge” ao mais envolvente e comprometido) e de construir a aproximação e o diálogo com as faixas juvenis mais refratárias às propostas. Casa em meio às casas, o oratório é um *ambiente* semiestruturado, diferente da escola que é estruturada (a classe, os horários, a matrícula, etc.) e da rua que é completamente desestruturada.

Todos os oratórios têm uma zona de fronteira que define o dentro e o fora, lugar este, sempre habitado.

Os habitantes do limiar

O limiar é o espaço que está em frente aos ambientes institucionais – a escola, os serviços sociais e sanitários, a paróquia, o oratório – é o lugar fronteiro entre o *dentro* e o *fora*.

Existe para com as instituições um sentimento ambivalente, de atração e de repulsão, desconfiança e medo. Tal ambivalência exprime-se às vezes também fisicamente na escolha de colocar-se “no limiar”, nos degraus, nas vizinhanças da instituição amada/odiada. Um exemplo típico é representado por aqueles grupos que estacionam diante da entrada dos oratórios exprimindo, com o seu comportamento, atitudes desafiadoras, provocadoras ou explicitamente críticas à autoridade dos adultos.

A condição de quem está no limiar é uma condição de objetivo “desconforto”; não porque se trate necessariamente de indivíduos problemáticos, ou talvez desajustados ou desencaminhados – como às vezes somos tentados a rotular – mas, antes de tudo, porque se encontram em uma condição de “não liberdade”, porque são portadores de questionamentos e de necessidades que não conseguem expressar totalmente, porquanto nem sequer são livres de sair e procurar em outro lugar as suas respostas.

Na instituição há algo que atrai estas pessoas, algo que, evidentemente, toca de perto a esfera das suas necessidades ou dos seus interesses, tanto é verdade que continuam colados ali. Então, o diálogo e o relacionamento não são impossíveis, trata-se de influenciar sobre esse “algo”, de construir uma aliança com eles a partir desse “algo”... Na instituição, no entanto, há também um elemento que os rejeita, impedindo-os de cruzar o limiar, de alcançar plenamente aquele algo que tanto desejam. É a partir desta leitura que se legitima o desejo/dever de intervir: não se pode continuar a fechar os olhos se estamos nos propondo a ativar uma pastoral juvenil missionária. Não podemos continuar a ir adiante só com aqueles que vêm aos grupos e que, acreditamos, mais ou menos nos seguem, porque frequentam de modo assíduo a formação. Parece crucial procurar dar um nome aos fatores positivos e negativos que influenciam o comportamento dos grupos que habitam o limiar.

O desafio da informalidade

Dom Bosco aconselha Giuseppe Vespignani, que se lamentava de não conseguir manter a disciplina, a ser informal, isto é, a colocar-se próximo à fonte e, quando os rapazes se aproximassem para molhar o pão, convida-o a dizer uma palavra gentil, fazer uma saudação, colocar uma pergunta.

Na tradição educativa salesiana a informalidade sempre foi um trunfo. Hoje encontramos dificuldade.

A partir do questionário proposto pelo Âmbito da Pastoral juvenil no processo de relançamento do oratório centro juvenil, numa primeira leitura e ainda parcial dos resultados, emerge que os oratórios são frequentados de modo considerável pela faixa 6-11 anos, certa flexão se apresenta na faixa 12-15 e os adolescentes são a faixa mais difícil de ser abordada ou têm uma presença intermitente.

Em todos os contextos, poucos dentre eles, preferem a vida na rua e tendem a colocar-se à margem ou no limiar das instituições, gostam das situações informais e são inclinados ao risco. Talvez porque eles mesmos se percebem “no limiar”, naquela área fronteira entre a infância e a idade adulta, onde *não se é mais criança*, mas ao mesmo tempo *ainda não se é maduro*, habitantes com pleno direito na sociedade.

Então, dirigir a própria atenção educativa ao âmbito da informalidade não significa decidir ocupar-se apenas “*daqueles*” *adolescentes diferentes*, que se obstinam em rejeitar as nossas propostas, mas dar ouvidos a uma condição existencial que diz respeito a *todos os adolescentes*, mesmo aqueles que ainda frequentam os nossos ambientes formais. De fato, quem está marginalizado, frequentemente exprime *gritando* (com a provocação, o desafio, a agressividade) um desconforto e uma necessidade que outros sufocam ou chegam apenas a sussurrar.

A comunidade é chamada a perguntar-se sobre a necessidade de receber as provocações e as invocações dos moradores do limiar pondo-se em atitude de escuta e de acolhida. É precisamente assim que a fé da comunidade adulta pode crescer e amadurecer no encontro e se tornar disponível às mudanças das estruturas e a reconhecer aos jovens um modo original de viver a experiência da fé.

mara@cgfma.org

Mulher e trabalho. Uma revolução silenciosa

Paola Pignatelli , Bernadette Sangma

O gradual ingresso das mulheres no mundo do trabalho é definido como uma 'revolução silenciosa'. De fato, acontece sem armas, sem ir para as ruas, não atrai a massa! Os efeitos e as relativas transformações de tal revolução são mais que visíveis: milhões de mulheres são capazes de mudar a sorte da sua vida, da sua família, sobretudo de seus filhos e de comunidades inteiras. O potencial do 'gênio feminino', como contribuição à produtividade e à criatividade humana, dilatou-se, superando os limites da esfera doméstica, dando finalmente cor, calor e sabor diferente ao mundo do trabalho.

Segundo a Organização Internacional do Trabalho, hoje, as mulheres constituem 40% da força trabalhadora no mundo. É sem dúvida uma das maiores mudanças sociais do nosso tempo.

Na última década, notou-se que o sucesso das mulheres no âmbito do trabalho foi superior ao dos homens.

Na União Europeia diz-se que as mulheres ocuparam 6 dos 8 milhões de novos postos de trabalho, criados a partir do ano 2000.

Ainda em evolução

O ingresso das mulheres no mundo do trabalho é um processo em lenta evolução porque implica uma mudança de mentalidade, atitudes e costumes muito consolidadas. De fato, são vários os aspectos problemáticos que ainda esperam por soluções de justiça e de igualdade. Pense, por exemplo, na diferença de remuneração para um mesmo trabalho entre homens e mulheres, na dificuldade de ocupar postos de responsabilidade, na invisibilidade dos trabalhos domésticos informais e não remunerados.

A ONLU evidenciou que em 1993, a estimativa do valor do trabalho doméstico e comunitário não remunerado das mulheres representava de 10% a 35% do produto interno bruto (PIB) em nível mundial alcançando a soma de 11 milhões de dólares. E o que dizer do fato de que as mulheres nutrem o mundo produzindo a metade do alimento consumido em nível mundial?

No entanto, como esta produção acontece em âmbito familiar-doméstico, não são remuneradas ou no máximo recebem salários baixos. A consideração e a superação destes aspectos nodais trariam maior benefício a toda a humanidade, não só às mulheres.

O cuidado para não perder a contribuição feminina está envolvendo muitas pequenas e grandes empresas. De fato, em diversas partes do mundo, estão em curso algumas experiências particulares que tentam facilitar a presença do trabalho feminino por meio da flexibilização das horas de trabalho.

Neste caso, a nova tecnologia facilita a promoção de um design de trabalho que esteja centralizado nas exigências da maternidade e, contemporaneamente, não sacrifique o profissionalismo e a qualidade do trabalho.

Mãe e profissional em rede

Rosaria Cortalessa, projetista do VIDES Itália relata como soube reorganizar o espaço e o tempo do seu trabalho: "A minha experiência de teletrabalho nasceu há 7 anos quando decidi concretizar o meu projeto familiar que me pedia para deixar Roma, minha cidade de residência e de trabalho, e me transferir para a província de Treviso, terra de origem do meu marido. A experiência de teletrabalho para mim foi uma grandíssima oportunidade, porque me permitiu poder continuar a ocupar-me na elaboração dos projetos que o VIDES Itália apresenta a diversas entidades financiadoras para procurar sustentar tanto o trabalho das missões como dos grupos

locais, mas sobretudo, permitiu-me conciliar o trabalho com o meu papel de mulher, mãe de dois filhos.

Graças às novas tecnologias, as centenas de km que me separam da sede nacional VIDES desaparecem com um clique, sinto-me constantemente no escritório e trabalho em estreito contato com a minha responsável e as minhas colegas, em rede com vários setores.

A possibilidade de trabalhar a partir de casa permite-me poder enfrentar em qualquer momento as eventuais emergências de trabalho e de família que possam se apresentar e às quais não poderia responder se estivesse “vinculada” a tempos de trabalho rigidamente fixados e a espaços preestabelecidos.

A modalidade do teletrabalho por ocasião do nascimento dos meus dois filhos, que hoje têm respectivamente 6 anos e 1 ano e meio, permitiu-me retomar ao meu trabalho logo depois do período de maternidade obrigatória. Eu pude acompanhar os meus filhos sem ser obrigada a pedir a licença ou ter de mandá-los para o jardim da infância com apenas 3 meses, conseguindo tranquilamente conciliar os seus tempos com os meus tempos de trabalho”.

Jamila Abbas e Susan Oguya, são duas mulheres quenianas, que colocaram as próprias competências ao serviço do seu povo. Em 2010 ficaram indignadas ao lerem o relatório publicado por um jornal sobre a exploração dos camponeses pelos agentes comerciais. Ambas são especializadas em tecnologia informática. Lançaram, por isso, a M-Farm, uma companhia que informa sobre o preço dos produtos agrícolas no mercado, em tempo real via SMS, diretamente aos celulares dos camponeses. Estes, então, colocam-se em contato direto com os exportadores de gêneros alimentícios, sem passar pelos agentes comerciais, recebendo assim um ganho justo pelos seus produtos agrícolas. Hoje, em dois anos, M-Farm atinge mais de 2000 camponeses do Quênia entre os quais também as mulheres, empenhadas em pequenas empresas.

A iniciativa é louvável seja pela sua sensibilidade quanto ao destino de seu povo, vítima da injustiça e da exploração, seja pela sua capacidade empresarial inovadora.

Mulheres como elas, que não só criam empregos, mas criam condições melhores para promover o trabalho dos indefesos, são expressões belíssimas daqueles passos que o mundo espera, para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Defronte a tanta laboriosidade feminina nós, chamadas a viver assiduamente o trabalho empenhativo, industrioso e responsável, a expressar o sentido cristão do trabalho, levado adiante juntos, com solicitude e otimismo no nome do Senhor, como gerimos os contratos e as relações de trabalho com os nossos colaboradores, como cuidamos do trabalho feminino ainda muitas vezes submerso e invisível, temos claro quem é, em cada instante, o nosso “Empregador”?

paolapignatelli@hotmail.com, sangmabs@gmail.com

MOSAICO

Por amor ao seu povo

Anna Rita Cristaino

"Não é o poder que corrompe, mas o medo. O temor de perder o poder corrompe quem o detém e o medo da represália do poder corrompe quem lhe está sujeito" (Aung San Suu Kyi).

Há pouco tempo veio a público o resultado das eleições em Myanmar (ex Birmânia). Aung San Suu Kyi, líder da *Liga Nacional para a Democracia*, que se tornou livre em novembro de 2011, depois de 15 anos passados no cárcere e em prisões domiciliares, recebeu mais de 80% dos votos.

Graças a Aung San Suu Kyi, prêmio Nobel da Paz em 1991, o drama do povo birmanês é conhecido em todo o mundo. Ela aceitou permanecer dentro da mesma casa por 15 anos, longe do marido (que não lhe será mais permitido ver e que morrerá em 1999) e dos filhos, sofrendo a

pior punição para um ativista, a inatividade. Ela quis continuar a ser um deles e a lembrar com sua presença e resistência não violenta, que a sua Nação tinha direito a um caminho de democracia.

Durante a campanha eleitoral, o povo das aldeias e das cidades que ela visitava reservou-lhe sempre uma calorosa acolhida. Como seu herói, como sua mãe. Contam com sua integridade, com sua coragem e sua sabedoria na esperança de sair de uma situação política, econômica e social de muito sofrimento. E ela conta com sua gente, com o desejo do povo de mudar, de empenhar-se para construir democracia. O primeiro pensamento é dirigido às mulheres do seu país.

Assim ela escreve a respeito delas para o jornal do seu partido: «Se tivesse de escolher focalizaria os refletores sobre as mulheres pois, no nosso País, grande parte delas é dotada de profundo discernimento e inteligência. Por longos anos pude contar com o enorme apoio, encorajamento, colaboração por parte de todas as mulheres que estavam ao meu lado. Muitas idosas, mas também adolescentes, foram sentindo e levantando a voz pelo País inteiro. (...) No nosso País, as mulheres estão nas camadas mais pobres da população, massacradas pelo trabalho; mas têm uma mente verdadeiramente preciosa e forte. Por tudo isso é fácil compreender o valor e a essencialidade do nosso grupo de mulheres».

Que o renascimento democrático desse país possa realmente continuar no rastro de mulheres corajosas que sabem vencer o medo do inimigo com força e gentileza!

arcrystaino@cgfma.org

COMUNICAÇÃO E VERDADE

Dialogando sobre como educar-se para a comunicação

Ser autênticos

Patrizia Bertagnini, Maria Antonia Chinello

É um daqueles dias bons e primaveris e Roma mostra-se em toda a sua beleza cristalina e pungente. Temos um pouco de tempo antes do encontro de formação. A conversa flui, de alguma forma, sobre a comunicação dentro e fora da Rede. *Facebook e Twitter docet*, diriam os antigos. Aproveito logo a oportunidade: «A Rede permite comunicar em profundidade ou comunica-se autenticamente somente quando se está *face-a-face*?».

A sobreposição das respostas faz-me perceber que o tema é “quente” e que o *Facebook* é para os meus interlocutores “uma” das janelas do dia. A visão positiva e propositiva *das redes sociais* convive com a convicção de que o risco existe: multiplicar os amigos para ficar com muitos e, ao mesmo tempo, ceder à banalidade, à fofoca e à “estupidez”.

Ao “depende” inicial, pouco a pouco se faz claro que o “como” e o “o quê” estão no mesmo plano: “como” comunicamos e “o quê” comunicamos? Que intenção está na origem da decisão de entrar na Internet: comunicar autenticamente, superar a superficialidade, combater o isolamento e refutar um contato puramente virtual? «A Rede permite comunicar em profundidade apenas quando se quer, caso contrário instaura-se uma comunicação inconsistente. A profundidade ou a superficialidade depende da intenção e das escolhas da pessoa». O temor é o de “consumar” a interação, de torná-la funcional: «Você se sente poderoso diante do computador: pode navegar por páginas e páginas, ir de clique em clique e de link em link, passar e tocar os conteúdos: agora todos pensam que podem encontrar na Rede as respostas a todas as perguntas, e também, sobretudo, que podem fornecê-las».

Os pontos de vista pressionam: «Você deve assumir suas responsabilidades quando estiver dentro... É necessário apelar aos valores nos quais acredita, agarrar-se a critérios de seleção para orientar, propor, escrever, publicar, fotografar, *linkar*...».

Isto é bom: o ato de comunicar sempre apela à responsabilidade, à sinceridade, à correção; somos chamados a envolver-nos em primeira pessoa, a não “fugir” da responsabilidade e do

esforço para tecer fios de conexão e a não levantar muros e/ou abrigar-nos por trás das barricadas.

Viver é comunicar. Cada encontro interpela e revela o nosso relacionamento pelas palavras que dizemos, as certas e as erradas, as que unem e as que dividem. Nós somos o que falamos, nada nos revela ou nos compromete mais do que as nossas palavras.

Sozinhos, mas juntos?

Talvez, digo eu, estejamos esperando muito mais da tecnologia e não tanto das pessoas? Uma autora afirma que: «Uma vez que os computadores nos conectaram uns com os outros, uma vez que estamos “enlaçados” à rede, não há mais necessidade de manter ocupados os computadores. São eles que nos mantêm ocupados».

«Nãoooooooo!!!» (assim prolongado). «Em qualquer comunicação há o risco que todos correm, de aumentar as amizades, de não cuidar das relações, de não ser autênticos». Os exemplos se multiplicam: «Somos jovens animadores: a Rede prolonga o tempo da interação com os amigos, com os jovens e as jovens; é a oportunidade para continuar “estando” ao lado do outro; é uma janela para conhecer os seus gostos e tendências, descobrir o que vivem e pensam, frequentemente muito “diferente” do que expressam ou conseguem manifestar “a viva voz”».

Chovem os pareceres: «A tecnologia nos mantém ocupados, mas torna possível um diálogo ininterrupto com os amigos, costura os lados da relação e do encontro entre eles».

O que dá profundidade à comunicação? «Consertar a relação conosco mesmos e com os outros; abrir espaço para a solidão; voltar a escutar-nos uns aos outros; não ter respostas prontas e pré-fabricadas, mas palavras novas que façam os olhos brilhar, porque deixam entrever metas mais altas e caminhos mais avançados; deixar o outro livre de não dizer, de ser como é, diferente do que espero que seja, tomar consciência das situações difíceis ao nosso redor, não ficar na janela do *Facebook* assistindo».

Uma última menção: «Porém, não nos digam para desconectar-nos do *Facebook*, de fechar o *BlackBerry* e de esquecer-nos do *iPhone*. É demais!». Concordo: não podemos voltar atrás, mas, como escreve Bento XVI na Mensagem para a Jornada Mundial das Comunicações Sociais 2012, tanto a palavra como o silêncio, são necessários: «dois momentos da comunicação que devem equilibrar-se, suceder-se e integrar-se para obter um autêntico diálogo e uma profunda aproximação entre as pessoas [...] Educar-se para a comunicação significa aprender a escutar, a contemplar e a não apenas falar.

suorpa@gmail.com, mac@cgfma.org

CONTRA

LUZ

Da coerência à verdade

Heidegger, filósofo alemão do século passado, sustentava que entre os sujeitos que entram em relação é possível somente uma comunicação inautêntica, isto é, um simples estar-com esvaziado de toda capacidade de ativar trocas profundas de verdade e de vida. A ideia de humanidade que ela subtece é a que reconhece às pessoas o destino único de homologar-se acriticamente à média das opiniões e aos comportamentos mais difundidos pelo contexto histórico-social ao qual pertencem. Este tipo de comunicação é declinado em três formas: a tagarelice, isto é, o fluxo de palavras banais, a curiosidade, que é a incapacidade de se demorar sobre as coisas e o equívoco, ou seja, a má compreensão do que foi dito. Como comunicadores cristãos, em vez, não podemos ignorar que cada comunicação põe em evidência a moralidade do nosso agir; a espessura ética dos nossos atos comunicativos é dada antes de tudo pela veracidade isto é pela correspondência entre o que dizemos (ou fazemos) e o que pensamos, com a precisa vontade de evitar falsidades e segundas intenções. Como lembra Mons. Pompili: «*Ser credível significa, antes de tudo, responder por si mesmo. [...] E isso significa colocar em primeira instância a autenticidade e a confiabilidade da própria vida. Mas credibilidade é também responder pelo conteúdo da comunicação, não só obviamente no sentido da sua veracidade, mas também da sua inteligibilidade. [...] A exigência de credibilidade empenha também a responder pela relação que a comunicação instaura [...] que deve apostar por um lado na escuta e por outro na transparência. [...] Enfim, credibilidade é responder pelos efeitos do agir comunicativo, isto é, interrogar-se sobre o que acontece e sobre o que produz nossa comunicação*».



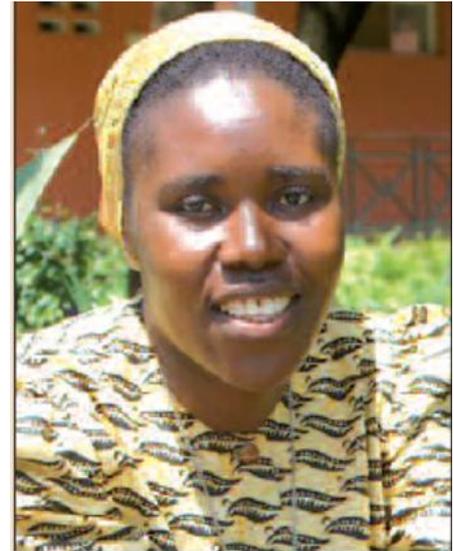
Entrevista com Ir. Leontine Sonyi Ithweva

Descobri a vocação lendo um livro

Anna Rita Cristaino

“Tua oração é uma conversa com Deus. Quando lêes, Deus que fala contigo” .

(Santo Ambrósio)



Ir. Leontine Sonyi Ithweva é uma jovem irmã da República Democrática do Congo. A quem lhe pede para contar sua vocação responde com um relato rico de muita humanidade e afeto por todas as pessoas que durante sua vida a ajudaram a compreender o que Deus sonhava para ela. Ainda hoje, quando fala disso, maravilha-se com o modo pelo qual os acontecimentos a conduziram a empreender um caminho para a sua vida, que a fez feliz.

Sua família - pai, mãe e muitos irmãos e irmãs, vive em uma pequena cidade na região de Katanga, onde não há comunidade de Filhas de Maria Auxiliadora. Porém seu pai, homem muito devoto, tem uma pequena biblioteca com uma diversidade de livros religiosos. Leontina certo dia encontra, entre os livros, alguns folhetos com fotos de irmãs rodeadas de muitas jovens. Mas há uma sigla que ela não consegue entender: FMA.

«Perguntei à minha mãe – relata – mas não sabia. Então experimentei perguntar ao meu pai, mas nem ele sabia. Mostrei o folheto a duas amigas minhas e juntas decidimos que podíamos assumir o sobrenome FMA, sem imaginar minimamente o que queria dizer».

Alguns anos depois, Leontine vai para um colégio interno mantido por outra congregação religiosa dedicada a Maria Puríssima. Fica interna para estudar, mas durante as férias volta feliz para sua família.

Sua irmã tem um livro que conta a vida de Laura Vicuña e também nesse livro há a sigla FMA. Então, reserva-o para Leontine, que o lê com gosto e que, finalmente, descobre o significado daquelas três letras: «Era o nome de uma congregação religiosa!».

Vai além

«Enquanto eu era interna, participei do grupo vocacional. A irmã responsável nos deu um livro que apresentava as diversas congregações. Ainda me lembro do título: *Va plus loin* (Vá mais além). Nele encontrei a apresentação da Congregação das FMA, do seu estilo de vida. Fiquei feliz. Pensei: “é esta que eu escolho”. Todas as minhas amigas e também a irmã que nos acompanhava me perguntaram se eu já a conhecia. Eu não a conhecia, mas sentia dentro de mim que aquela era a família religiosa da qual queria fazer parte».

No livro, Leontine encontra também um endereço ao qual escrever. Começa uma troca de cartas com Ir. Veronique Kimbala, que a convida a passar um dia com ela para se conhecerem pessoalmente. Leontine não sabe como pedir permissão aos seus pais para ir a Kafubu. Pede para ficar por algum tempo com uma tia que mora naquela cidade. Lá ela compreende profundamente que o Senhor a está chamando para aquela vida. Encontra coragem de dizer aos seus familiares e pede para entrar como aspirante.

No seu caminho não está sozinha

«Houve muitas pessoas importantes em minha vida, que me ajudaram a compreender o meu caminho. Em primeiro lugar a minha família, que me ajudou a crescer na fé. Toda noite rezávamos juntos e durante os meses dedicados à devoção Mariana, rezávamos, diariamente, o Terço».

Outras figuras importantes no caminho de crescimento vocacional de Leontine: Ir. Rosário Ruiz das Irmãs de Maria Puríssima que soube deixá-la escolher segundo sua própria inclinação e Padre Norbert Kamwenyi, sacerdote diocesano, seu diretor espiritual.

A alegria de estar com os jovens

Fascinada por uma foto que mostrava um estilo de vida alegre em contato com os jovens, Ir. Leontine comenta a respeito de sua vocação: «Na vida como FMA fascina-me o amor por Cristo, que se expressa por meio da educação dos jovens e das jovens. Eu era ainda estudante quando resolvi entrar. Porém, durante as férias, participava de um acampamento com um grupo de jovens chamado *Kiro*, um grupo semelhante aos *Escoteiros*.

Ficava com eles nos momentos do apostolado e da formação. Em mim, ia crescendo o desejo de me dedicar a outros jovens».

Mas, as dificuldades não faltam. Sobretudo no início. Leontine sente muito a separação de sua numerosa e bonita família.

Deve aprender um estilo de vida diferente, em uma cidade diferente. Mas sente-se sustentada pela mestra das noviças Ir. Cécile Ilunga e pela, então, inspetora Ir. Marie Dominique Mwema.

«A única coisa que sempre me faz feliz é poder estar com as jovens, com a comunidade, é rezar juntas, viver o espírito de família assim como eu o aprendi com Dom Bosco e Madre Mazzarello e compartilhar com as outras irmãs a missão à qual dedicamos toda a nossa vida. Observando as irmãs missionárias e as primeiras irmãs congolenses, sempre admirei o seu estilo de vida, a sua capacidade de adaptação».

Ir. Leontine foi professora dos pequenos, responsável de uma escola elementar e agora, depois de estudar em Roma, está na casa inspetorial de Lumumbashi, onde se ocupa da comunicação em nível inspetorial.

arcristaino@cgfma.org

VÍDEO por Mariolina Parentaler

A NEVE DO KILIMANJARO

de Robert Guédiguian, França 2011



Apresentado no Festival de Cannes 2011 na sessão *Un Certain Regard*, o título deste belo filme de Guédiguian não tem nada a ver com o homônimo estadunidense de 1952, exceto para a canção que dá o nome a ambos. É surpreendentemente leve e solar, não obstante se trate de uma metáfora dramática. Venceu a liderança irrefutável do mais brilhante recorde de aprovação e de lucro. A avaliação pastoral da CEI classifica-o como 'recomendável', e a imprensa com seus artigos valorizam o empenho e lhe atribuem dimensões de tipo crítico/cultural, como, por exemplo: "O otimismo da inteligência" (Marco Minniti) – ou de tipo narrativo/temático: "Estes operários fazem refletir sobre a felicidade familiar" (G. Rondolino) – ou "A classe operária vai para o inferno depois da morte da solidariedade". Por longos anos habituado a agredir a realidade com os tons da ideologia, o diretor encontra-se agora

acertando as contas com a ruína das ilusões políticas. «A realidade não é aquela que alguns sonhavam há muitos anos: houve erros, (admite explícito com Michel – o protagonista – e prossegue) agora é importante compartilhar, dando sinal de boa vontade, para consigo mesmo e para com os outros». É uma obra maravilhosa: um verdadeiro hino poético-ideológico da Caridade.

O resgate dos novos miseráveis modernos

De quando em quando o diretor traz sua máquina para explorar regiões «distantes», mas não pode ficar muito longe do aqui e agora. São o ambiente familiar do bairro marseilhês do Estaque e os rostos, igualmente familiares, dos operários e do ambiente proletário com os quais cresceu e que relatou nos seus filmes mais célebres.

Também em '*As neves do Kilimanjaro*', não obstante a referência à canção de Pascal Danel, relata Marselha hoje. A atual crise econômica não a poupa: conhecem os nomes dos operários a serem despedidos em camadas, aleatoriamente, por Michel, operário inscrito no sindicato que, depois de anos de batalha, tendo aceitado participar – a par com os seus companheiros – deste sorteio para declarar quem deveria abandonar a fábrica, encontra-se às portas da demissão. Mesmo assim ainda é feliz ao lado de Marie Claire, com a qual está para festejar trinta anos de matrimônio, de seus filhos, netos e amigos mais queridos. Certo dia, dois homens armados e mascarados assaltam sua casa: diante da mulher, da irmã e do cunhado, depois de ter-lo espancado e amarrado, o sequestram, deixando-o atordoado no chão, vítima de um ato que sacode profundamente todas as certezas da sua vida.

Em seguida, consegue descobrir que a agressão fora organizada por Christophe, um moço de 22 anos ex-colega de trabalho, demitido junto com ele, e o denuncia instintivamente.

Depois que é preso e vem a saber da difícil condição em que vivia, devendo cuidar dos seus dois irmãozinhos abandonados pelos pais, arrepende-se. É tomado por dúvidas e sentimentos de culpa e sente necessidade de reparar. Toma a empenhativa decisão de realizar um ato que, antigamente, era definido "solidariedade de classe". Sabe que não pode mais evitar-lhe uma condenação e, de comum acordo com sua mulher, industria-se para tornar menos pesada a pena que deverá descontar.

Diretor empenhado, Roberto Guédiguian nunca fez mistério quanto às suas tendências políticas. Para um velho batalhador de esquerda como ele, as lacerações atuais são muito profundas para serem cicatrizadas pelo cinema (mesmo se tentamos) e muito evidentes para não lembrarem as falhas das esperanças revolucionárias. «Eis porque, entre uma citação de Victor Hugo (o filme é inspirado no seu poema *Les pauvres gens* – A gente pobre) e uma outra de Jean Jaurès (pai da socialdemocracia francesa), *A neve do Kilimanjaro* sofre de saudade.» (R. Cinema) – Com esta obra escolhe de alguma forma dedicar-se a uma história de dramas cotidianos e, tendo por lembrete precisamente a ideia inicial do poema de Victor Hugo, põe o ato de solidariedade narrado por ele no centro do episódio contemporâneo dos pobres marselhês desempregados. Tem porém a intuição de colocar inteligentemente a referência à poesia de Hugo, imediatamente antes dos títulos finais: quase como uma revelação para o espectador que tenha tido conhecimento do escrito e encontrado na decisão final dos dois protagonistas uma feliz correspondência com aquele poema de mais de um século atrás. Observa assim de modo mais explícito, que o valor, a eficácia vital de gestos e escolhas, como a do escrito, são perenes. Permanecem exemplares: um recurso de humanidade profunda e eficaz sem tempo! Ainda atual. Extraordinárias as interpretações, tocante o frescor 'natural' da reflexão. Uma obra que deixa seu sinal.

PARA REFLETIR

O tema do filme: "Talvez, parece dizer-nos Guédiguian, o resgate dos miseráveis modernos possa iniciar exatamente a partir daqui: uma simples ação que serve de exemplo para todos".

Trata-se de um drama francês no qual os dois protagonistas, depois de terem sido vítimas de um episódio criminal, percebem que por trás do assalto sofrido há uma família em dificuldade e decidem cuidar dos filhos do seu agressor. Uma decisão que, no seu desdobramento, chega a sugerir um caminho possível a quem, como os filhos do casal, fechou-se na sua realidade autorreferencial renunciando a olhar para além do próprio recinto, mas também a quem, como o amigo Raoul, cedeu a uma lógica vingativa e reacionária, abdicando à "*necessidade de entender*". Necessidade que, ao invés, parece mais que nunca animar as intenções do diretor, e que toca também os personagens aparentemente mais negativos, como a jovem mãe de Christophe e das duas juvenzinhas. Tudo isso, mantendo um tom bem distante do querer ser bonzinho. Combinando-o em vez com uma consciente e simples, mas encarnada e lúcida confiança no futuro. O tom se traduz também na fotografia solar: retrata o porto de Marselha sempre banhado pela luz do sol, mais do que pelo mar, símbolo da partilha e ao mesmo tempo da exclusão social, com os guindastes da fábrica portuária em primeiro plano.

O sonho do filme: *Um espectador 'disponível' a fazer próprio o dever de percorrer as questões éticas que o filme põe em cena, para depois encontrar cumprimento nas palavras que acompanham o final.*

Dizendo em outros termos, a obra sonha com um espectador pronto a assumir “uma visão mais ampla sobre a necessidade de abrir-se a uma solidariedade feita de partilha e compreensão, dirigida a uma única família humana” – CVPF. Michel, este homem que procurou comportar-se como justo, ao lado da mulher, relembra os discursos que o animaram na sua juventude, cita as palavras de Jean Jaurès: «Coragem é ser ao mesmo tempo, qualquer que seja sua profissão, médico e filósofo. Coragem é compreender a própria vida, especificá-la, aprofundá-la, estabelecê-la e ajustá-la à vida em geral. Coragem é controlar com precisão a própria máquina para tecer, a fim de que nenhum fio se rompa, e preparar ao mesmo tempo uma ordem social mais ampla e mais fraterna na qual aquela máquina será a serva comum dos trabalhadores livres. Coragem é amar a vida e olhar para a morte com olhos tranquilos; é procurar o ideal e compreender o real; é agir e dedicar-se a grandes causas sem saber que recompensa o universo profundo dará ao nosso esforço e nem se haverá alguma recompensa.» Jean Jaurès. – Discurso aos jovens, *Albi*, 1903.

ESTANTE VÍDEOS por Mariolina Parentaler

EU SOU LI – *Andrea Segre – Itália/França 2011*

O filme foi apresentado em Veneza em 2011. Em 10 de setembro a Imprensa Oficial da Mostra publica a notícia: «A Comissão Julgadora CGS – Cine círculos Juvenis Socioculturais, em colaboração com o Comitê para a Cinematografia dos Jovens CCR – entrega o Prêmio “Lanterna Mágica XVI edição” ao filme que mais tocou a fantasia dos jovens: *EU SOU LI*, de Andrea Segre (Dias dos Autores) com a seguinte motivação: “Pela capacidade de relatar o tema da imigração, muito sentido este ano na Mostra Internacional da Arte Cinematográfica de Veneza, com a originalidade que deriva de um uso sábio da linguagem cinematográfica. A narrativa assume tons leves embora enfrentando temas importantes da sociedade contemporânea: dignidade do trabalho, imigração, acolhida e integração, família e maternidade, necessidade de perseguir novas formas de comunicação. Neste sentido, sublinha-se positivamente o recurso à poesia como única possibilidade de confronto e diálogo entre pessoas distantes. A linguagem da película deve também ser sublinhada pela capacidade de amalgamar registros diversos: relatos de ficção e adesão à realidade suficientes para mudar de direção, rumo ao documentário antropológico; leveza da comédia de costume e intensidade típica do filme de denúncia social».

Nos *Dias dos Autores*, Segre é acolhido mais que calorosamente. Os títulos das publicações convergem ao sublinhar a ideia central: no encanto da lagoa de Chioggia, um pescador e uma mulher chinesa tentam derrotar o racismo. Pensando na dureza implacável dos documentários do autor, corajoso e destemido ao seguir sua pista até colocar as instituições defronte às suas responsabilidades, a terna história de Li, pequena mulher chinesa dona de um bar em Chioggia, toma os tons suaves da lagoa e parece uma fábula. Em contato com o público tornou-se vida até o contágio.

MILAGRE EM LE HAVRE – *Aki Kaurismäki – Finlândia/França 2011*

Aki Kaurismäki decide criar um filme audaz e irreal como uma cerejeira que floresce no outono. Nasce assim o seu *Milagre em Le Havre*. No *Milagre* narrado pelo diretor finlandês um rapazinho africano é ajudado no seu projeto de encontrar a mãe na Inglaterra. Imigração e trabalho, portanto, são as questões enfrentadas. Mas na realidade o alcance destes temas fica em segundo plano, porque fala-se ao mesmo tempo de homens e mulheres que, para enfrentarem um problema, reúnem-se, constroem uma rede de ações e se defrontam igualmente com as dificuldades. A trama muito linear apresentada por Kaurismäki, relata que em Le Havre reside Marcel Marx o protagonista, um ex-escritor e boêmio incurável – engraxate de profissão. Certo dia desembarca no porto por “engano” um grupo de africanos, entre eles está Idrissa o rapazinho que logo estará fugindo das garras da polícia. Na sua fuga encontra Marcel que, com a sua simplicidade dos justos, não se interroga nem sequer sobre o que fazer, simplesmente faz aquilo que tem de fazer: ajuda os que precisam dele.

Neste novo e palpitante capítulo do seu diário por imagens – escreve a Comissão de Avaliação Pastoral – o renomado diretor volta a observar a realidade com olhar agudo, afiado, introspectivo. De fato, de um lado

está a notícia tirada da crônica mais urgente e premente: os fluxos dos imigrantes na Europa, o modo de (não) acolhê-los. “Não tenho soluções a propor – diz o autor – mas desejei de algum modo enfrentar a questão, mesmo por meio de um filme que tem pouco de realístico”. Por outro lado está ele, que lança sobre a história escolhida um olhar carrancudo mas não dramático, antes, dirigido propriamente a um “final feliz”.

ESTANTE LIVROS por Adriana Nepi

O QUE LHE FALTA PARA SER FELIZ? – Simona Atzori - Mondadori 2011

Simona Atzori, autora e protagonista do livro, poderia ter-se colocado numa resignação opaca, se não tivesse encontrado, para acolhê-la, uma família solar, que não fez drama quando viu chegar uma criaturinha cujos braços “ficaram no céu” e se, por sua vez, não tivesse encontrado na própria vitalidade exuberante, os recursos para desenvolver uma personalidade feliz: capaz de comunicar, por meio da paixão pela dança, sua alegria de viver. Certa vez, entre tantos e-mail que recebe diariamente, encontrou esta única frase de uma desconhecida: “Por que você é feliz?” Esperava-a um dia importante: iria dançar na presença da célebre atriz Carla Fracci. À noite volta-lhe à mente a singular pergunta: “Por que você é feliz?” e escreve: “Eu não tenho respostas sobre a felicidade. Sei somente que poucas vezes na vida eu me senti verdadeiramente feliz. Luto diariamente para ser uma pessoa serena, isto sim. Parece-me uma meta inatingível. O homem mais feliz – li em algum lugar – é aquele que não quer mudar a própria posição. É talvez por isso que eu sou feliz?”. Eis talvez o segredo de uma vida excepcional, sustentada, além de tudo, por uma vontade de ferro e por muito amor doado e recebido. Não por acaso a vivaz autobiografia termina com um longuíssimo elenco de agradecimentos. É uma série de nomes: familiares, amigos, partidários, companheiros de arte. Não escapa, todavia, ao leitor atento que, naquelas quase cinco páginas nem sequer aflora um aceno, embora fugaz, à presença de Deus na própria vida. Simona fala muito de amor e com alegria. O amor ignora os esquemas, as regras, as convenções sociais, afirma com vigor. E nisso não se pode culpá-la. Porém, o amor tem em si suas leis que não querem ser violadas. Colocando à parte tal reserva de dever, um livro como este faz respirar e convida a bendizer a vida.

AS FILHAS PERDIDAS DA CHINA – Xinran – Longanesi 2011

O livro é obra de uma jornalista chinesa que vive atualmente em Londres. Trabalhou muito tempo como radialista em Nanquim, em um programa dedicado às mulheres.

O texto narrativo é precedido por uma nota introdutória na qual fica-se sabendo que desde 2007 os órfãos chineses adotados em todo o mundo são numerosíssimos, e quase todos são meninas. É inevitável a pergunta: por quê?

A bárbara lei do filho único, onde é rigorosamente aplicada, comporta, para uma família que tenha mais de um filho, perder o emprego, a casa, a distribuição dos gêneros alimentícios, o direito à escola e a assistência sanitária para o filho proibido. Não há outra coisa a fazer senão abandonar o recém-nascido em um orfanato. Fica porém a pergunta: porque são quase todas meninas as criaturas abandonadas e dadas em adoção? O fato é que, considerar uma desgraça o nascimento de uma menina, remonta a tempos antiquíssimos. A miséria espalhada principalmente pelas zonas agrícolas mais distantes dos centros urbanos, unida a preconceitos ancestrais, é a origem de uma práxis desumana. O macho, além de oferecer um físico adaptado às mais duras fadigas, goza de todos os direitos de sucessão: não só transmite à descendência o nome da família, mas é herdeiro de seus bens, do qual a ala feminina é excluída.

Xinran, a corajosa jornalista, viajou muitos anos para documentar-se sobre as causas profundas dos abandonos dos recém-nascidos e sobretudo sobre a repercussão que tais abandonos têm sobre a alma das infelizes mães. Sucedem-se muitas histórias, uma mais dolorosa que a outra. O livro quer ser também uma resposta à angustiante pergunta que lhe chega de tantas filhas adotivas de famílias ocidentais: “Por que minha mãe não me quis?”.

Daniel Alarcón

Rádio Cidade Perdida

Einaudi 2011

O autor, nascido em Lima em 1977, desde a primeira infância vive nos Estados Unidos, onde é considerado uma das vozes mais promissoras da ficção jovem americana.

Este seu primeiro romance é ambientado em um país anônimo (não há nomes nem datas) banhado de sangue por uma guerra tanto mais terrível quanto menos explicada por motivos claros e as opções bem distintas e facilmente detectáveis. A guerra é sempre algo de absurdo e bárbaro, mas aqui não se combate entre duas facções diferentes e contrapostas, pois, há todo um ramificar-se, um entrelaçar-se de interesses e paixões diferentes dentro das mesmas fileiras. O relato não tem um desenvolvimento linear, é um contínuo sobrepor-se de planos temporais que sugerem não tanto a tentativa de reconstruir um pedaço da história (é evidente, aliás, não obstante a falta de alusões explícitas, a referência aos últimos acontecimentos do século vinte na América Latina), quanto a de captar com rapidez todo um complexo de reações emotivas, identificando-se com quem viveu os horrores da guerra civil e captar também a ressonância na vida de quantos a guardam na memória e que ainda sofrem suas consequências.

O contínuo entrelaçar-se e sobrepor-se de fatos coletivos e de histórias pessoais é muito eficaz para interpretar o clima quase caótico de desorientação, de perda de certezas ou pelo menos de referências seguras em um mundo dominado pela violência e pelo medo: aqueles que se haviam feito promotores de um protesto enraizado na busca da justiça social, estão como que divididos entre um cansaço moral desesperado e a obstinação numa luta sem convicção nem esperança, enquanto o povo vive dominado por um terror inominável e conhece apenas a desesperada necessidade de sobreviver, mesmo à custa de traições e de infames denúncias.

Já faz dez anos desde a desastrosa guerra civil, mas o pós-guerra continua dominado pelo ódio e por um sentimento desolador de vazio: não há vencedores nem vencidos, há apenas miséria e desejo de vingança. Os métodos da guerra acabaram por juntar opressores e oprimidos, vítimas e torturadores, num turbilhão de loucura coletiva.

Numerosas famílias esperam em vão por alguém que certamente não voltará: mães que esperam os filhos; mulheres que não reverão mais seus maridos, crianças que não poderão conhecer os seus pais. É a trágica realidade dos *desaparecidos*, a incrível história de uma crueldade que é até difícil imaginar...

Milhares de pessoas desaparecidas (sequestradas ou assassinadas) porque dissidentes ou simplesmente porque denunciadas por verdadeiras ou presumíveis atitudes antigovernamentais... Milhares de famílias exploradas, milhares de pessoas trancadas na solidão sem a esperança de quem se sente um sobrevivente. É a sorte que coube a Norma, que é até certo ponto a protagonista do romance: expectadora, testemunha e vítima. A sua figura entra em cena na sala de transmissão da única rádio nacional que se manteve na capital: leva ao ar à noite o programa "Rádio Cidade Perdida" lê os nomes das pessoas desaparecidas durante os dez anos de guerra civil ou pelas ferozes repressões do governo: a maioria jamais responderá e, às vezes alguns chegam a se fazer sentir do lugar desconhecido onde se encontram refugiados. Também Norma espera Rey, desaparecido muitos anos antes. Rey, o marido, era no passado (mas esta palavra "passado" soa como algo remoto, quase surreal) um cientista com alma de poeta, apaixonado pela botânica que gostava de encontrar na selva o seu laboratório de pesquisa e ao mesmo tempo um lugar de silenciosa contemplação. Envolvido no movimento de oposição ao regime, foi várias vezes preso e torturado pela polícia estatal, até que dele não se sabe mais nada. Norma é a mulher amada com a qual se casou e que com ele viveu uma intensa temporada de amor, num misto de felicidade e de medo. Esperou por longos anos que o marido voltasse mais uma vez e agora encontra-se na desesperada condição dos sobreviventes. Existe ainda na sua alma um resíduo obstinado de esperança. Todo domingo à noite centenas, milhares de pessoas a escutam, unidas na mesma

esperança quase sempre ilusória. Ela tem uma voz dulcíssima, persuasiva, sabe escutar e tem palavras que transmitem carícia e consolação. Há quem atribua o sucesso da transmissão precisamente a esta voz que, com familiaridade, entra em tantas casas, como uma presença amiga.

Outros personagens entram a fazer parte viva da história de Norma, e todos com o próprio drama de sofrimento e de insegurança. Entre estes está Victor, o rapazinho puro e sábio que traz uma luz de esperança para a história de tantos derrotados. Tendo nascido e vivido em uma pequena aldeia da floresta, perdeu a mãe tragicamente e ignora onde esteja o pai que nem sequer conheceu. Mandam-no para a cidade a fim de que ofereça à rádio uma longa lista de nomes, pois a guerra atingira também sua aldeia distante e, em seguida, protegido por Norma, leva uma vida precária. Também ele é um desenraizado, mas possui uma secreta vida interior, é um observador atento e nutre o desejo de ultrapassar os limites estreitos de uma realidade que o aprisiona e de conhecer o diversificado mundo dos homens.

Não se pode considerar este belo romance da mesma forma como a chamada literatura comprometida, mesmo se tende à denúncia de muitas realidades de injustiça e de violência. O mérito do jovem autor parece-nos estar propriamente nesse desprendimento que não é indiferença, nessa paixão que nada tem de ideológico. Um livro que faz pensar, que faz refletir com liberdade de alma.

A VALPONASCA



A janela convida a achar tempo e espaço para penetrar a realidade e ir além de sua superfície, de modo a entender o seu sentido mais profundo.

As jovens e os jovens aos quais somos enviados guardam no coração um grande desejo de interioridade.

Como acompanhar os jovens ao encontro com Jesus?

Como fazer perceber aos jovens que somos mulheres habitadas pelo amor, fascinadas por Ele?

Da mensagem da Madre por ocasião da abertura do ano 140° de fundação do Instituto

Do primeiro plano subimos ao sótão onde uma janelinha é testemunha do olhar contemplativo de Maria Domingas.

A janelinha conhece os seus impulsos, protege os seus sonhos, testemunha sua relação com as coisas.

Este olhar aberto sobre Mornese, sobre os vinhedos e sobre a paróquia constitui para Maria Domingas um poderoso apelo ao sobrenatural.

Palavras



O LAR EXISTE ONDE SE ENCONTRA O CORAÇÃO

PLÍNIO IL VECCHIO